

2

Os Compostos nas Gramáticas

As principais obras e autores da tradição gramatical da língua, basicamente, apresentam como composto o nome no qual

a) haja a combinação de dois vocábulos que tenham tido, anteriormente, existência independente na língua;

b) os vocábulos formadores possuam, cada um deles, seu significado específico;

c) haja uma fusão tal entre eles, que faça surgir um vocábulo único, com significado constante e novo, em relação ao dos elementos formadores.

O processo de composição de palavras, de acordo com Nunes (1945: 386), provém do fato de nosso espírito juntar, a uma idéia geral, uma particular que a restringe. A idéia resultante de tal união seria de menor amplitude, mas de maior compreensão para o falante, pois liga-se um termo determinante a um determinado, e o conjunto passa a designar um objeto especial e definido.

As características a), b) e c) são comuns às definições de todos os autores, mas há um aspecto da composição sobre o qual não há consenso entre os teóricos tradicionais e os autores de trabalhos mais recentes: é aquele que fixa o número de elementos que configuram um nome composto. Os autores clássicos (Nunes: 1945; Said Ali: 1964; Kury: 1970; Cunha: 1975; Bechara: 1983;) mencionam "dois ou mais", o que leva à conclusão de que pertençam à classe dos nomes compostos tanto as formações em que se unem duas bases, como **guarda-chuva**, quanto aquelas que reúnem mais de duas, como *maria-vai-com-as-outras* e *chove-não-molha*, por exemplo. Bechara, entretanto, em seu último trabalho, (1999: 351), define a composição como "a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante".

De acordo com a forma como os elementos se combinam, as gramáticas distinguem dois tipos de palavras compostas. O tipo mais numeroso é o de **palavras compostas por justaposição**. Nestas, segundo as lições gramaticais, os elementos componentes conservam sua integridade fonética, e mantêm, cada um deles, seu acento tônico; às vezes, os elementos se soldam na escrita, como em

passatempo; na maior parte dos casos, eles se ligam por hífen, como em *couve-flor*. No entanto, a hifenização destes nomes não é sistemática nem coerente. Há mesmo muitos exemplos de palavras compostas nas quais os elementos apenas se escrevem em seqüência e formam um bloco portador de identidade semântica específica, reconhecida pelos falantes na língua oral e na escrita, embora graficamente não se diferenciem de outros sintagmas. Os exemplos, como *guerra civil, ponto de bala, estrada de rodagem, Ano Novo, cesta básica*, são muitos. Algumas criações recentes, colhidas nos jornais, apresentam seus componentes sempre ligados por hífen, como se assim se lhes ressaltasse o status de palavra una (*seqüestro-relâmpago, vale-refeição*); mas encontram-se também, na imprensa, numerosos exemplos que se apresentam sem o hífen, como *Educação Especial*, por exemplo. No corpus desta dissertação, registramos alguns casos em que se revela a dificuldade de redatores e usuários da língua em geral, quanto ao uso deste sinal. Encontramos *arquiteto/paisagista*, com a barra em lugar do hífen denunciando a dúvida; encontramos também “o senador carioca *boa gente*”, em que a união do adjetivo com o substantivo constitui nitidamente um adjetivo composto, pois a expressão está, aí, funcionando como determinante do substantivo *senador* tanto quanto o adjetivo *carioca*; mas esse status de palavra não foi assinalado pelo hífen que deveria figurar entre os elementos.

O segundo tipo de palavras compostas é constituído por aquelas nas quais os elementos se uniram por **aglutinação**. Nestas, as bases se unem de tal forma que, além de haver perda de fonemas, geralmente no primeiro termo, os dois elementos se subordinam a um único acento tônico, como se observa em *Fonseca* (fonte seca). No entanto, consultando-se as listas de exemplos das gramáticas, percebe-se a existência de pouquíssimos compostos por aglutinação em nossa língua. Os exemplos mais freqüentemente encontrados são *planalto, aguardente, pernilongo, pernalta* e mais uns poucos. Para o professor Said Ali (1964), o que a gramática chama de justaposição é, na verdade, o rótulo para algumas “combinações de categoria duvidosa”, por serem formações que estão em fase de transição, ou seja, em vias de se tornarem palavras compostas. Aparentemente, o professor considerava compostas apenas as palavras que apresentam seus componentes fundidos na escrita. Câmara Jr. (1991: 39) argumenta que, ao considerar os compostos em três classes - justaposição, aglutinação, prefixação – a

gramática mistura dois enfoques que não podem coexistir numa mesma abordagem do fato lingüístico: o **sincrônico** e o **diacrônico**. Segundo ele, a aglutinação é a perda de uma justaposição na história da língua, ou seja, a perda de vogais, consoantes e da autonomia acentual dos radicais formadores de um composto são uma mudança em andamento, e não um processo distinto de formação de palavras. O que a gramática chama de aglutinação, portanto, não seria um tipo de vocábulo composto e sim, como o lingüista ensina, um conceito fonológico. Entende-se, dentro da visão do lingüista, que uma palavra como *aguardente*, por exemplo, representaria um momento na evolução do grupo *água* + *ardente*, em que a crase entre a vogal final do termo determinado e a vogal inicial do determinante criou um ritmo tal na emissão das sílabas, que o acento tônico do segundo elemento se sobrepôs ao conjunto de sílabas. A fusão na escrita seria a consequência natural do fenômeno, uma vez que o falante passou a sentir o conjunto como uma entidade una.

Este trabalho não vai se ocupar da controvérsia acerca dos conceitos de justaposição e aglutinação, uma vez que essas classificações não são o motivo das dificuldades quanto ao capítulo da formação de palavras nas aulas de língua portuguesa. Também não nos ocuparemos de outro ponto polêmico em torno da composição, que é a pertinência de se considerar a prefixação como um processo derivacional ou se devemos incluir os derivados prefixais no rol das palavras formadas por composição.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, a despeito de, no texto de apresentação, mencionar a “falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso (...) nas escolas e na literatura didática...” e de se declarar comprometida com “a exatidão científica do termo”, no tópico dedicado à Morfologia, se limita a registrar que os substantivos e adjetivos, quanto à formação, podem ser simples ou compostos. Ali nenhuma diretriz se encontra que auxilie a esclarecer as confusões entre nomes compostos e locuções nominais.

2.1

A Estrutura dos Nomes Compostos

A Gramática ensina que os nomes compostos se subdividem em substantivos e adjetivos. A consulta aos dicionários revela que o processo de composição produziu uma lista numerosa de compostos com função nomeadora ou caracterizadora. A lista de substantivos é bem mais extensa que a de adjetivos e estes freqüentemente aparecem em função substantiva.

A composição, segundo a Gramática, consiste na combinação de duas idéias: uma de extensão mais geral e outra, que a restringe. Assim, tem-se um elemento determinado por um outro, que é o seu determinante. Em geral, o determinado precede o determinante, como se vê em *peixe-espada* (um peixe estreito e longo como uma espada), mas há também exemplos em que o elemento determinante se antepõe ao determinado, como em *papel-moeda*, substantivo no qual o componente *moeda*, mais geral, é especificado pelo elemento *papel* (moeda que é de papel); ou ainda *belas-artes*, *meia-idade* etc. Os compostos com o determinado antes do determinante, como *peixe-espada*, *vagão-restaurante* são, segundo Bechara (1999: 355), os “tipicamente portugueses”.

As gramáticas ensinam que, em português, de acordo com as classes dos componentes que os integram, existem os seguintes tipos de nomes compostos:

substantivo + substantivo

Não há muita produtividade, segundo Said Ali, na criação portuguesa de nomes compostos com esta estrutura. Alguns dos que se encontram nas listas de exemplos das gramáticas, como o citado *couve-flor*, são importações de criações estrangeiras, segundo o autor. Voltaremos a este tópico em capítulo posterior desta dissertação, onde discutiremos esse tipo de nome composto à luz das abordagens de outros estudiosos.

substantivo + preposição + substantivo

Não há consenso entre os autores sobre combinações com essa estrutura constituírem um composto; para alguns, a presença da preposição caracteriza uma lexia complexa. Formações assim se encontram classificadas como nomes

compostos em todas as gramáticas tradicionais e combinam com a “índole da língua”, de acordo com Said Ali. Todavia, na edição mais recente de sua gramática, Bechara (1999: 352), citando outros autores, ensina que a presença de transpositor – a preposição **de** – caracteriza as formações sinápticas (ou sinapsias, ou lexias complexas), que são entidades diferentes dos nomes compostos. No entanto, na mesma obra, o autor, ao distinguir dois modos de formação de nomes compostos constituídos de **substantivo + substantivo**, a coordenação e a subordinação, inclui entre os exemplos do processo de subordinação as formações *estrada de ferro* e *pão-de-ló*.

Tem-se, portanto, sob este aspecto, mais um ponto de indefinição a respeito dos compostos. Uma palavra como *olho-de-sogra*, por exemplo, reúne em si as três condições anteriormente mencionadas, a), b) e c), definidoras de um composto. Mas a presença do transpositor e a conseqüente flexão de plural (*olhos-de-sogra*), caracterizam-na como uma sinapsia. Neste caso, muitos produtos que figuram em listas de nomes compostos seriam, na verdade, lexias complexas.

No entanto, Said Ali menciona pelo menos dois casos de compostos que incluíam a preposição **de** que, posteriormente, desapareceu, como *mestre-sala* (*mestre-de-sala*) e *mestre-escola* (*mestre-de-escola*). Bechara também cita *porco-espinho* (*porco-de-espinho*), *beira-mar* (*beira-de-mar*) e *pontapé* (*ponta-do-pé*). Isto mostra que a presença de transpositor não é um fator estável de distinção entre compostos e outras entidades vocabulares.

substantivo + adjetivo / adjetivo + substantivo

Formações com esta estrutura, como *água-viva* (*águas-vivas*), *amor-perfeito* (*amores-perfeitos*), *belas-artes*, pela evidente concordância nominal, ressaltam o caráter sintático-semântico do processo de composição. Para alguns autores, como se verá adiante, elas não devem ser consideradas como nomes compostos.

verbo + substantivo

Nestas formações, o verbo, segundo alguns autores, se apresenta no imperativo nos compostos mais antigos. Segundo Said Ali, entretanto, estudos e pesquisas envolvendo pessoas das camadas populares mostraram que os falantes,

na fase moderna do idioma, não têm no espírito o sentimento de “ordem”, que seria próprio do modo imperativo, diante de um nome formado pela combinação de uma forma verbal com um substantivo. Assim, diante de uma palavra como *pega-ladrão* (= dispositivo para proteger automóveis contra roubo), a forma verbal é percebida pelos falantes como se flexionada no modo indicativo: trata-se de um equipamento que pega em flagrante todo aquele que tentar levar o carro (e não uma exclamação de alguém para denunciar tentativa de roubo).

Nos compostos com esta estrutura, evidencia-se o mecanismo sintático freqüentemente presente na composição: o substantivo comporta-se como o objeto do verbo. As gramáticas ensinam que compostos deste tipo formam o plural com acréscimo de desinência apenas ao segundo elemento. Tem-se, assim, os plurais *quebra-cabeças*, *guarda-roupas*, *mata-mosquitos*, etc.; ou seja, o verbo, embora integrando outra entidade lexical, mantém inalterado o seu papel de predicador.

Existem ainda, segundo os gramáticos, estruturas que geraram um número menor de produtos, que são:

- adjetivo + adjetivo** (*rubro-negro*);
- verbo + verbo** (*vaivém*);
- verbo + conjunção + verbo** (*leva-e-traz*);
- verbo + advérbio** (*puxavante*), tipo raro;
- advérbio (bem, mal, sempre) + adjetivo** (*sempre-viva*);
- advérbio + substantivo** (*benquerença*);
- pronome + substantivo** (*Nosso Senhor*);
- numeral + substantivo** (*quintessência*);
- advérbio + verbo** (*maltratar*).

As Gramáticas também mencionam compostos nos quais uma das bases é presa, como *agri-*, em *agricultura*, e aqueles formados pela união de duas bases presas, que não circulam individualmente na língua, como, por exemplo, *odontologia* (odonto + logia).

Além do que se abordou até aqui, as lições das Gramáticas incluem as regras sobre a flexão dos nomes compostos. Porém não há, na maioria dos autores, preocupação em estabelecer os traços definidores do composto em oposição a

outros grupos vocabulares constantes. Quando os alunos perguntam “*Amor livre* é um composto? Pode ser escrito com hífen?”, as lições das gramáticas se revelam insatisfatórias. Também não se encontram critérios que os orientem na distinção entre um nome composto e uma locução paralela, como, por exemplo, *malha fina e malha-fina*. Bechara, em sua última gramática (1999: 351) mostra estar consciente da existência do problema, ao dizer “Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*”; mas, na seqüência, a exposição que ele faz da visão de outros lingüistas não esclarece a confusão entre as duas coisas. Ao término da leitura, subsiste a dúvida: o que distingue o nome composto da lexia complexa, se ambos apresentam características em comum?

Assim, é necessário que o modo de tratar este tópico nas aulas de português seja replanejado, e que se busque focalizar nomes compostos sob outros ângulos, para que os professores não desperdicem suas aulas enfatizando somente os aspectos óbvios da entidade nome composto, que um estudante apreende por si só, num olhar superficial.